



Ecossemiótica e o Limiar Semiótico de Umberto Eco: Algumas Verificações na Comunicação¹

Coordenação:

Prof^a. Dr^a. Linda Bulik (UNIMAR)

Participantes:

Prof^a. Dr^a. Linda Bulik², docente, Universidade de Marília – UNIMAR

Profa. Dra. Maria Cecília Guirado³, docente, Universidade de Marília - UNIMAR

Rogério Assis Cruz⁴ mestrando, Universidade de Marília – UNIMAR

RESUMO

Devido a constante crise ambiental que assola o mundo desde a Revolução Industrial, campos da biologia se ramificaram para explicar a relação do organismo com o mundo exterior que o rodeia. À medida que “eco” passa a constar como prefixo de palavras que justificam campos de estudos de outras disciplinas como a ecossemiótica de Tom Sebeok, Umberto Eco tentaria traçar um limiar para a semiótica como campo de estudo apenas da lingüística, sem incorrer em risco de invasão de outras ciências. Polêmicas à parte, propõe-se aqui uma ecossemiótica humana capaz de dar conta dos problemas comunicacionais quando o assunto é ecologia e meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE

Ecossemiótica; ecologia; comunicação; limiar semiótico; ecossemiótica humana.

PROPOSTA DA MESA

¹ **Mesa** apresentada no III Colóquios Multitemáticos em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Linda Bulik** é Doutora pela Universidade de Paris II (Sorbonne) com Pós-Doutorado na França e na Dinamarca (Paris VIII e Nordisk Theatre Laboratorium) e Jornalista (Ecole des Hautes Etudes Sociales / section Ecole Supérieure de Journalisme). Autora dos livros **Doutrinas da Informação no Mundo de Hoje e Comunicação e Teatro**. Atualmente atua na Graduação em Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília – UNIMAR – Marília / SP - Brasil. E-Mail: bulik@sercomtel.com.br

³ **Maria Cecília Guirado** é Doutora em Estudos Portugueses/História da Comunicação (Universidade Nova de Lisboa - UNL), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), jornalista (Universidade de Londrina), atualmente é professora na graduação e na pós-graduação em Comunicação da Universidade de Marília-SP, onde coordena o Núcleo de História da Mídia no Brasil – Himídia, da Rede Alfredo de Carvalho. Desde 1999 é membro do Centro de História de Além-mar (UNL). Publicação mais relevante - *Relatos do Descobrimento do Brasil: as primeiras reportagens*, Editora Piaget, Lisboa, 2001. E-Mail: ceciliaguirado@hotmail.com

⁴ **Rogério Assis Cruz** é Publicitário, Mestrando em Comunicação pela Universidade de Marília – UNIMAR, onde tem desenvolvido pesquisas sobre semiótica e ecologia na comunicação sob a orientação da Professora Doutora Linda Bulik. É graduado em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado – FIAM; Presidente da Associação Comercial e Industrial de Tupi Paulista / SP – Brasil. E-Mail: racionalt@abcrede.com.br



Quando iniciamos os estudos a respeito de uma semiótica da ecologia, nos defrontamos com um termo que já estava sendo tratado por Winfried Nöth, em seu livro **Semiótica no Século XX**. Porém, uma frase que abre o capítulo *Ecossemiótica* acabou nos motivando a desenvolver um estudo específico: Ecossemiótica não é uma semiótica à Umberto Eco, mas, muito mais, uma semiótica à Tom Sebeok. Pois bem, detalhamos aqui algumas exposições a respeito do tema e sua origem.

O biólogo alemão Ernst Haeckel propôs o termo *oecologia* pela primeira vez, em 1866, baseado na teoria evolucionista de Charles Darwin, que tinha por finalidade o estudo da economia e das relações dos animais e plantas com o ambiente orgânico e inorgânico. Ávila-Pires (1999) explica que a partir de então a ecologia desenvolveu-se como uma disciplina independente, com seus próprios métodos de investigação e de interpretação, e com uma visão particular dos fenômenos de relação. Ao contrário da definição clássica de ecologia, uma enquete realizada entre estudantes graduandos e pós-graduandos de diferentes áreas profissionais e em diferentes anos da década de 1980 sobre como esses alunos definiriam o termo, revelou que, para a maioria, o homem é colocado como centro de referência nas relações com o ambiente.

“A palavra Ecologia não é usada em nossos dias apenas para designar uma disciplina científica, cultivada em meios acadêmicos, mas também para identificar um amplo e variado movimento social, que em certos lugares e ocasiões chega a adquirir contornos de um movimento de massas e uma clara expressividade política.” (LAGO; PÁDUA. 1989. p. 8)

No campo das ciências sociais, na obra **População, Recursos e Ambiente**, de Paul e Anne Ehrlich, são utilizados diversos campos do conhecimento: estatística, teoria dos sistemas, cibernética, teoria dos jogos, termodinâmica, física, bioquímica, biologia, medicina, epidemiologia, toxicologia, agronomia, urbanismo, demografia, sociologia e economia. Em pouco mais de um século, o termo ecologia ultrapassou o campo restrito da Biologia, penetrou no espaço das ciências sociais, passou a denominar um amplo movimento social organizado em torno da questão da proteção ambiental. (LAGO; PÁDUA. 1989).

“A abordagem ecológica reforça a concepção da cultura como um referencial dinâmico, muito sensível a mudanças extra culturais de origem biológica ou inorgânica, fazendo com que as diversas culturas representem sistemas abertos e não logicamente fechados sobre si mesmos. É isto que explica a emergência de novas culturas, o seu florescimento, a sua estabilização por períodos mais ou menos longos, o



seu desaparecimento em função de estímulos externos dos mais variados e condições de funcionamento interno muito diferente.” (VIERTLER: 1988, p.22)

O prefixo eco passou, então, a ser moda e foi agregado a termos clássicos no intuito de conferir-lhes modernidade. Porém, a tentativa de criar uma semiótica da ecologia é muito mais antiga que a ecossemiótica de Winfried Nöth e Kalevi Kull. Tomas Sebeok retrata que o mundo natural é um palco povoado de sons, odores, sinais visuais e outros, que são transformados de manifestações exclusivamente físicas em mensagens convencionadas e Santo Agostinho, na tentativa de criar uma teoria sacramental dos signos, já as denominava de signos naturais.

Desde os anos 60, Thomas Sebeok já estava se movendo na direção de novos horizontes da semiótica: das estruturas textuais à comunicação em geral, da verbal à não verbal humana, e, além da comunicação humana, a comunicação animal que, sob o nome de zoosemiótica, constitui uma de suas maiores contribuições para a expansão do campo semiótico. Para este autor, a semiose começa com as origens da vida. Assim, a semiótica e a biologia têm o mesmo objeto de estudo, embora as perspectivas de análise difiram. (SANTELLA; NÖTH, 2004)

“Com a nova interdisciplina da biossemiótica, os processos semióticos nos microrganismos e células, incluindo aqueles que ocorrem dentro do corpo humano, começaram a ser investigados. Em suma: na medida em que as investigações semióticas prosseguiam, elas foram levando ao reconhecimento de uma variedade de processos sógnicos, da bio e ecossemiose até as mais diversas semioses humanas. Além disso, com o desenvolvimento dos computadores e da cultura digital, o domínio dos sistemas não-vivos, das máquinas e computadores à vida artificial, como já vimos acima, constituíram-se em novos desafios para os estudos semióticos.” (SANTAELLA; NÖTH, 2004, p. 80)

Esses mesmos autores transcrevem em Ruesch (1972: 82-83) que a comunicação ocorre entre todos os organismos biológicos, não somente entre os seres humanos, mas também entre seres humanos e animais, entre animais e até entre plantas, pois comunicação é o princípio organizador da natureza. O que talvez incomode Umberto Eco é a própria concepção clássica de ciência que se constitui por meio da delimitação de seu objeto, definindo-se este como um recorte nítido de um segmento da realidade empírica. A cada recorte corresponde uma área da ciência, que tem por finalidade investigá-lo, revelando seus desígnios.



“O projeto de uma ciência semiótica atravessou os séculos: freqüentemente, sob forma de tratados orgânicos (pense-se no Organon, de Lambert, de Bacon, em Peirce, em Morris ou em Hjelmslev); na maioria das vezes, como série de alusões espalhadas no seio de discussões mais gerais (Sexto Empírico, Santo Agostinho ou Husserl); de quando em quando, sob forma de prenúncios explícitos, auspiciando um trabalho até então realizado tivesse que ser realizado, e como se todo o trabalho até então realizado tivesse que ser repensado em termos semióticos (Locke e Saussure). (ECO, 1991, p. 16)

Antes de impor limites a semiótica com Umberto Eco, transcrevemos nas palavras de Charles Sanders Peirce, o que já poderia ser uma posição de abertura da semiótica em relação a outras comunidades científicas:

“A trama e urdidura de todo o pensamento e pesquisa é constituída por símbolos, e que a vida do pensamento e da ciência é inerente a símbolos, assim é errôneo dizer tão-somente que uma linguagem correta é importante para um pensamento correto; é a essência dele. Em seguida, observa-se que o pensamento se torna mais preciso à medida que progride. Em terceiro lugar, o progresso da ciência não pode ir longe a não ser através de colaboração; ou, mais precisamente, ninguém pode avançar um passo sem a ajuda de outros espíritos. Quarto, a saúde da comunidade científica requer a maior liberdade mental. Contudo, o mundo científico e filosófico está infestado de pedantes e pedagogos, que se esforçam por impor uma série de magistratura sobre pensamento e símbolos. Um dos primeiros deveres daqueles que enfrentam tal situação é resistir energicamente a qualquer coisa que se afirme como ditadura arbitrária nos assuntos científicos, e, acima de tudo, no respeitante ao uso de termos e notações. Ao mesmo tempo é indispensável um acordo quanto ao uso de termos não demasiado rígido, feito entre a maior parte dos colaboradores sobre a maior parte dos símbolos, de forma a existir apenas um reduzido número de sistemas de expressão a serem aprendidos. Por consequência, tal seria obtido não através do arbítrio ditatorial, mas pela atuação de princípios racionais sobre a conduta humana.” (PEIRCE, 1980, p. 99)

A metáfora do limiar semiótico tem sido usada para designar as fronteiras do campo de pesquisa das abordagens semiológicas, porém, é evidente que as teorias sobre o assunto só fazem aumentar através dos tempos.

Umberto Eco (1991) entende por limites naturais aqueles para além dos quais a pesquisa semiótica não pode aventurar-se, pois cairia em território não-semiótico, evitado de fenômenos ininteligíveis como funções sígnicas. Na verdade, o projeto de uma disciplina que estuda o conjunto da cultura, resolvendo em signos uma imensa variedade de objetos e eventos, pode dar a impressão de um arrogante “imperialismo” semiótico. Quando uma disciplina define como seu objeto próprio “tudo” reservando-se

assim o direito de definir por meio de seus aparatos categorias específicos o universo inteiro, o risco é assaz grave.

“A semiótica tem muito a ver com o que quer que possa ser assumido como signo. É signo tudo quanto possa ser assumido como um substituto significante de outra coisa qualquer. Esta outra coisa qualquer não precisa necessariamente existir, nem subsistir de fato no momento em que o signo ocupa seu lugar. Nesse sentido, a semiótica é, em princípio, a disciplina que estuda tudo quanto possa ser usado para mentir. Se algo não pode ser usado para mentir, então não pode também ser usado para dizer a verdade: de fato, não pode ser usado para dizer nada. A definição de “teoria da mentira” poderia constituir um programa satisfatório para uma semiótica geral.” (ECO. 1991, p. 4)

Machado (2003) nos expõe que Mikhail V. Lomonósov, grande naturalista, deixou importantes contribuições para a compreensão da natureza do ar, da matéria e da eletricidade. O que mais intriga em homens como esse é o “talento poliédrico” de que falava um outro russo, o semioticista Iúri Lótman, uma vez que reproduz inteligências cuja capacidade criadora não enxerga limites. Lótman nos apresenta o estudo dos fenômenos culturais com a aplicação de recursos da Semiótica, que constitui uma das tarefas mais atuais e, ao mesmo tempo, mais complexas, em todo o conjunto de problemas contemporâneos do ciclo das Ciências Humanas. (SCHNAIDERMAN, 1979)

Santaella e Nöth (2004) esclarecem que são muitas as disciplinas que lidam com signo a sua maneira e com as quais a semiótica passou a interagir: a biologia, a medicina, a psicologia, etc. A par disso desenvolveu-se um amplo espectro de semióticas regionais, prova disso é a Escola de Tártu-Moscou que, nos anos 60, surgiu como resultado de um longo amadurecimento sobre problemas que exigiam, cada vez mais, encaminhamentos semióticos. Com a Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, onde começava a emergir os problemas ambientais, a concepção de ecossemiótica surgiria por ser um assunto em franca ebulição na época, atrelado lógico à teoria evolucionista de Charles Darwin, que assombrou o mundo na época em que foi proposta, trazendo novas perspectivas para a biologia e suas ramificações. Mesmo não contando com uma produção farta e continuada, as teorias russas têm uma presença e uma pertinência marcantes nos estudos que aqui são desenvolvidos nos campos da arte, da literatura, da lingüística e da semiótica.

Segundo Irene Machado (2003) há muitos campos de investigação que se denominam estudos de semiótica aplicada as quais têm abordagens muito próximas dos pressupostos da Escola de Tártu-Moscou, que se desenvolveu tendo por objetivo a



correlação, temática e estrutural, entre vários campos da investigação científica. A tendência para a prática interdisciplinar e o compromisso com a investigação nas mais variadas esferas definem a semiótica russa como sendo cultural, ou seja, a semiótica russa optou por compreender os mecanismos geradores dos signos da cultura. Se o objetivo foi a formulação conceitual para a descrição e comparação dos vários sistemas de signos, era evidente a necessidade de buscar correlações e instrumentos em várias áreas do conhecimento. A Escola de Tartu propõe uma *ecologia cognitiva* que diria respeito à necessidade de considerar a vida e os organismos vivos como sistemas integrados. A Escola de Tártu-Moscú, que contou com autores como Roman Jakobson, Iúri Lotman, Viatcheslav Ivánov, teve uma vida breve, mas seus desdobramentos continuaram após o encerramento das atividades em 1974.

Para Reheniglei Rehem, o conceito de semiosfera acompanha a maturidade do pensamento semiótico russo. Fundamentado na teoria da biosfera do químico Vernádski e do dialogismo de Mikhail Bakhtin, o conceito de semiosfera foi formulado por Iuri Lotman para exprimir a cultura como um organismo não separando aspectos biológicos de aspectos culturais, o homem do mundo. O conceito de semiosfera está ligado à idéia de fronteira e de simetria especular. Entende-se por fronteira aquilo que está fora do espaço semiótico e simetria especular, a própria idéia de semiosfera enquanto intercâmbio dialógico. Roman Jakobson, Iúri Lotman, Viatcheslav Ivánov, A. R. Luriá são os desbravadores dessa área.

Mas, enquanto para Peirce, tudo é semiotizável, para Umberto Eco, há de se ter uma linha divisória do que é semiótico e do que não é. Para o autor, a semiótica da Escola de Tártu-Moscú é o que posteriormente se definiria como ecossemiótica por alguns autores baseados na ecologia cognitiva. Segundo Nöth (2005), para Eco, esse limiar é aquele que separa a natureza da cultura. Uma vez que sua teoria é programaticamente uma semiótica da cultura e dos signos que pressupõem convenções sociais, os processos no domínio do biológico e da natureza física são, por definição, excluídos da semiótica.

A combinação de vários signos, cada um com codificação própria, nos representa a máxima da abordagem semiótica de cultura, que se definiu, como uma abordagem semiótica sistêmica, onde os primeiros estudos produzidos em Tártu encontram-se fortemente marcados pelo pensamento sistêmico.



“A semiótica da cultura, que atingiu o auge internacional em 1973, tem sido uma constante em Tártu. Por um lado, tem funcionado como um mediador interdisciplinar para as tendências dos centros culturais de pesquisa, por outro, novas disciplinas semióticas estão surgindo nas fronteiras da semiótica da cultura, abrindo o caminho da semiótica como disciplina própria. No momento, as possibilidades de inovações são essenciais para os semioticistas de Tártu.” (Torop, 1998, p. 12)

De acordo com Lucia Santaella, nessa mesma década, a rica herança do vasto domínio de pesquisa semiótica deixado por Peirce começou a ser resgatada do esquecimento graças aos sinais de alerta dados por Roman Jakobson sobre a importância fundamental do trabalho de Peirce para o estudo dos diversos processos de signos, inclusive dos signos verbais. Ao mesmo tempo, o legado de Charles Morris começou a ser explorado em função de seu potencial de aplicação a processos de signos não verbais.

O termo ecossemiótica representa um campo de investigação da semiótica aplicada com abordagem muito próxima dos pressupostos da Escola de Tártu-Moscou. Porém, fica aqui uma ressalva no crédito do termo em si, já que a doutora Irene Machado, em sua brilhante obra - **Escola de Semiótica – A experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura** - não cita a fonte para o termo que o próprio Winfried Nöth credits a Tom Sebeok.

Irene Machado o define como sendo: “o estudo das inter-relações entre organismos e seu ambiente [*Umwelt*⁵] a partir da perspectiva semiótica que eliminou a oposição entre o ambiente interno e externo em favor de uma noção matemática de fronteira: filtro que estimula a tradução entre elementos internos e externos do sistema. O centro de interesse da ecologia semiótica não é o *homo semioticus*, mas o *organismus semioticus*. Nesse sentido, semiosis não se restringe a processos em organismos elaborados, a convenções culturais e sociais.” (MACHADO, 2003, p. 62)

Nöth apresenta a mesma definição para o termo, acrescentando que a ecossemiótica é uma semiótica que não se limita somente ao estudo de signos artificiais e arbitrários, mas que estuda também os signos naturais na relação organismo-meio ambiente, portanto, uma semiótica que parte de um “limiar semiótico” inferior entre o semiótico e o não-semiótico.

Ainda segundo o autor, a idéia de onipresença do semiótico nas relações homem-meio ambiente até um pansemiotismo que procura explicar todos os fenômenos

⁵ Umwelt - mundo subjetivo da percepção dos animais em relação ao seu meio ambiente



ambientais como tendo qualidade sígnica é amplamente difundida na história da cultura e da religião, tendo três modelos de uma relação homem-meio ambiente semioticamente interpretada: 1) o modelo pansemiótico *stricto sensu*, 2) o modelo mágico; e 3) o modelo mitológico. O modelo interpretativo pansemiótico considera a totalidade da natureza como sígnica e vê nela uma mensagem a ser interpretada pelo homem, enviada por Deus ou qualquer outra força sobrenatural. No modelo mágico, fenômenos ambientais naturais também são mensagens, porém, seu emissor e manipulador, o mágico, é uma pessoa, enquanto o meio ambiente natural físico ou biológico continua a ser seu receptor. Já no mitológico, é transmitido em forma de textos narrativos, o lugar do homem em relação a seu meio ambiente como um dever atuar, um ter de atuar e um poder atuar.

Nöth (2004) questiona se tem estes modelos semióticos da relação homem-meio ambiente da Idade Média e da Renascença um interesse maior do que só para a história da semiótica. O próprio autor confirma que eles não eram modelos de pensamento ecológico no sentido atual, mas eles têm um ponto em comum com a atual filosofia da ecologia por se basearem em uma visão holística do mundo, que acentua a unidade entre homem e meio ambiente. Em oposição a isto, encontra-se a visão de mundo dualista com o Racionalismo desde Descartes. Este último pregava a separação entre a mente e a natureza, considerando a primeira superior à segunda. Nesse contexto, o filósofo do *cogito* reconheceria o homem como medida de todas as coisas, ao qual o meio ambiente deve servir.

O autor também encontra implicações ecológicas na semiótica teórica de Charles Sanders Peirce, para quem a interpretação da relação homem-meio ambiente parece frequentemente ser pansemiótica, por exemplo, quando diz: “*Todo o universo é penetrado por signos, se não se compõe até somente de signos*”. Peirce, no entanto, classifica apenas as relações de natureza triádica como sendo de natureza semiótica. Para o filósofo, a relação de um indivíduo com os objetos de seu meio ambiente é simplesmente de forma diádica, por exemplo, quando ele os encontra como uma realidade imutável, cruza-se com eles por acaso ou até quando os conhece na forma de imposição ou “violência crua”. (NÖTH, 2004).

“Na interação semiótica, o indivíduo não mais experimenta os objetos de seu meio ambiente na sua imediaticidade, mas os interpreta em relação a algo terceiro, um “significado” que remete a algo além do ambiente imediato, um fim, um objetivo, uma regularidade. Tais

relações triádicas de semiose caracterizam processos cognitivos, todos os atos teleológicos e, em geral, toda a atividade de uma mente (*mind*). Semiose, neste sentido, não é de forma alguma limitada a processos em organismos superiores. Todo organismo biológico simples já interpreta seu meio ambiente de forma semiótica quando escolhe objetos energéticos ou materiais de seu meio ambiente com apropriados ao objetivo da própria sobrevivência ou quando os evita por serem impróprios a tal objetivo. Tais interações triádicas entre organismos e meio ambiente representam o limiar entre a natureza não-semiótica e a semiótica. (NÖTH, 2004, p. 236)

A teoria do signo de Charles Morris amplia o horizonte da análise semiótica do homem a processos de produção e reprodução sígnica em “organismos vivos” de forma mais geral, e acentua, além disso, a necessidade de examinar também, além da sintaxe e semântica do signo, na pragmática, “origem, uso e efeito” dos signos no meio ambiente semiótico. Nöth considera que sob perspectivas ecossemióticas, é discutível se a ampliação semiótica de Morris foi capaz de superar perspectivas antropológicas e logicocêntricas na teoria do signo.

Santaella, num trabalho apresentado para a 4ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos, cita John Deely para falar de uma expansão deste limiar semiótico de Eco. Quando se examina retrospectivamente o avanço contínuo e gradativo do limiar semiótico até atingir hoje o domínio do mundo físico, a constatação de Deely com respeito à necessidade de se considerar o amplo espectro da semiótica de Peirce como fundamento para se pensar a fisicossemiose pode ser estendida para todos os avanços anteriores do flanco semiótico. De fato, cada passo que foi dado no passado rumo ao alargamento do campo semiótico foi correspondendo a um aumento na incorporação dos conceitos peirceanos por parte dos semioticistas. Essa incorporação se tornou bem nítida quando se deu o avanço da antropossemiose para a biossemiose, tornando-se ainda mais nítida hoje com as incorporações dos conceitos peirceanos nas ciências cognitivas, nas pesquisas em inteligência artificial, vida artificial e na tecnossemiose. A complementaridade que a semiótica peirceana encontra na fenomenologia, de um lado, e na metafísica evolucionista de outro, deve ser uma das razões para a fertilidade sempre viva da obra de Peirce.

Na visão da autora, em nada poderia justificar mais intensamente a necessidade de continuidade e crescimento das pesquisas sobre a obra de Peirce do que sua evidente sintonia e possibilidade de diálogo científico com as investigações de ponta nos campos emergentes e desafiantes da ciência contemporânea.



Sem desejar entrar na polêmica gerada ao se tentar definir os limites da semiótica, aproveitamos a ocasião para pensarmos em uma proposta diferente, independente de estarmos transgredindo os limites da semiótica ou não. Se levarmos em consideração que ecologia tem seu conceito baseado nas relações do organismo com seu meio e que ecossemiótica representa a sua relação semiótica, aproveitamos para propor o termo “ecossemiótica humana” para explicar as percepções de interações semióticas entre o homem e o meio ambiente, inclusive, para tratar dos problemas ambientais causados pela ação desse mesmo homem e suas repercussões e/ou representações na mídia.

Títulos e resumos dos participantes da mesa

Resumo 1

Ecossemiótica humana , o limiar de Eco e as representações da Biologia na mídia Rogério Assis Cruz - mestrando, Universidade de Marília – UNIMAR

Em face da proposta da mesa, o termo “ecossemiótica humana” parece adequado quando se tem a semiótica como instrumento de investigação em vários campos do conhecimento , em particular, dos fenômenos comunicacionais, e quando se trata de dar conteúdo às percepções de interações semióticas entre o homem e o meio ambiente, inclusive, para abordar os problemas ambientais causados pela ação desse mesmo homem e o tratamento a eles dispensado na mídia. Numa época marcada por desterritorializações cada vez mais acentuadas e por convergências forçadas num terreno em que as fronteiras são tênues, dialogar com disciplinas emergentes (como a sociosemiótica, a biossemiótica, a ecossemiótica) pode iluminar também as representações na mídia da biologia, aquecendo ainda mais o debate em torno de um limiar semiótico.

Resumo 2

Ecossemiótica e Comunicação: Algumas verificações no Jornalismo Profa. Dra. Linda Bulik – Universidade de Marília - UNIMAR

No contexto da proposta da mesa, a autora examina certos aspectos do limiar semiótico de Umberto Eco e apresenta algumas verificações semióticas sobre as representações da ecologia e dos problemas ambientais no jornalismo.

Resumo 3

Representações ecológicas e sociais na pré-história da imprensa brasileira Profa. Dra. Maria Cecília Guirado – Universidade de Marília – UNIMAR

Nos séculos XVI e XVII uma variedade de textos davam conta da exuberância do Brasil e do *modus vivendi* de um povo (des)ordenado “sem Fé, nem Lei, nem Rei”, no dizer de Pero de Magalhães de Gândavo. As narrativas dos viajantes, colonos e missionários divulgavam imagens do Brasil, na Europa, e construíam, para além da representação do ambiente ecológico, a gênese do jornalismo brasileiro.



REFERÊNCIAS

AVILA-PIRES, Fernando Dias de. **Fundamentos históricos da ecologia**. Ribeirão Preto: Holos Editora, 1999.

BARRETO, Luis Felipe. **Descobrimientos e Renascimento - Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI**, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**, Lisboa: Portugália Editora, 1968.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães **Tratado da Terra do Brasil/História da Província Santa Cruz**, reedição do Anuário do Brasil de 1924, Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1980.

_____. **Tratado da Província do Brasil**, introd. e notas de Emmanuel Pereira Filho, Rio de Janeiro: Instituto Nacional e do Livro, MEC, 1965.

GUIRADO, M. C. **Relatos do descobrimento do Brasil: as primeiras reportagens**. Lisboa: Piaget, 2001.

LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

LOTMAN, Yuri. **Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture**. (Translated by Ann Shukman, introduction by Umberto Eco.) London & New York: I. B. Tauris & Co Ltd., 1990. (xiii+288 p.)

MACHADO, Paulo de Almeida. **Ecologia Humana**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica – A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Ed. Annablume, 2004.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. **Educação Ambiental: Reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

PINTO, João Rocha. **A Viagem/Memória e Espaço**, Lisboa: Sá da Costa, 1989.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.

PEIRCE, Charles Sander; **Escritos Coligidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.



SCHNAIDERMAN, Boris. **Semiótica Russa**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

TEIXEIRA COELHO NETTO, J. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

TODOROV, Tzvetan **A conquista da América - a questão do outro**, Lisboa: Litoral Edições, 1990.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **Diário da Navegação da Armada que foi à Terra do Brasil em 1530, sob a capitania-mor de Martin Afonso de Souza**, publicado por Adolfo Varnhagen, Lisboa: Typografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

WAGNER, Klaus. **Viagens e viajantes no Atlântico quinhentista**, coord. Maria da Graça M. Ventura, Lisboa: Colibri, 1996.

VIERTLER, Renate Brigitte. **Ecologia Cultural – Uma antropologia da mudança**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

FONTES MANUSCRITAS

GÂNDAVO, Pero Magalhães. *Historia da Provincia de Sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* [B.N.L. 365], 1576.

_____ *Tractado da Terra do Brasil, no qual se cõtem a informação das cousas que ha nestas partes* [B.N.L. 552], 1579.

SOUSA, Pero Lopes *Naveguaçam q fez Pº Lopes de Sousa no Descobrimento da Costa do Brasil, militando na capitania de Marti Aº de Sousa, seu irmão: na era da emcarnaçam de 1530*, Lisboa, Biblioteca da Ajuda [51-V-35], 1530-1532.